



A CRÔNICA NO MEIO DO CAMINHO: A CRÔNICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE CARIOCA DURANTE O GOVERNO DE JUSCELINO KUBITSCHKE (1956-1960)

Maria Daniella Alves Ramos¹
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
e-mail: maria.daniella@aluno.uece.br

Gleudson Passos Cardoso²
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
e-mail: gleudson.passos@uece.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir os anos do governo Juscelino Kubitschek (1956-1960) a partir da interseção entre escrita literária e consciência histórica das crônicas de Carlos Drummond de Andrade. A problemática principal é compreender por meio da crônica, tratada e analisada como fonte histórica, como uma representação dos retratos da sociedade urbana do Rio de Janeiro no final da década de 50. Utilizando como fundamentação teórica estudos do campo historiográfico da História Cultural, em que Pesavento (2007) e Certeau (1994) nos ajudam a compreender as sensibilidades e as práticas cotidianas nas crônicas de Drummond. A metodologia utilizada é a análise da narrativa (Scholes; Kellog, 1977), sendo parte integrante das reflexões que estão sendo desenvolvidas na pesquisa em andamento no mestrado.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Crônicas. Cotidiano. Experiências. Costumes.

The Chronicle in The Middle of The Road: The Chronicle of Carlos Drummond de Andrade and The Transformations in The Carioca Society During The Juscelino Kubitschek Government (1956-1960)

Abstract: This article aims to discuss the years of the Juscelino Kubitschek government (1956-1960) from the intersection between the literary writing and historical awareness in the chronicles of Carlos Drummond de Andrade. The main problem is to understand through the chronicle, treated and analyzed as a historical source, like a representation of the portraits of the Rio de Janeiro society at the end of 1950's. Using the theoretical basis of studies from the historical field from Cultural History by the authors Pesavento (2007) and Certeau (1994), which helps us understand the sensibilities and everyday practices in Drummond's chronicles. The methodology used is narrative

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Espacialidades (PPGHCE-UECE). Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7878-6125x>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5827277301979050>.

² Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no Curso de História e no Mestrado Acadêmico em História/ MAHIS (2009 - 2016) e no Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3674-9254>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4484450400989287>.



analysis (Scholes e Kellog, 1977), and this text it's part of the reflections being developed in the research underway in the master's program.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. Chronicles. The everyday life. Experiences. The habits.

Crônica, imprensa e história cultural

Estou preso à vida e olho meus companheiros (...).
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
presentes, a vida presente.

(Andrade, 2015, p. 34).

Crônicas são pequenos excertos, normalmente, propagados em veículos de comunicação, seja o jornal - como no século XX - ou em mídias digitais e blogs - como atualmente. Tratando do cotidiano banal das cidades, o texto cronístico versa sobre os mais corriqueiros atos, sentimentos, *experiências* e *sensibilidades* (Pesavento, 2007) disso que se convém chamar de vida. A crônica é um tipo narrativo muito peculiar, pois é de difícil definição e de captura, entre o jornalístico e o literário. De caráter volátil, pois tudo pode passar pelo crivo do cronista, do mais simplório assunto aos fatos notáveis e de característica efêmera, que em um momento está nas mãos de seus leitores, no outro, o jornal com a respectiva crônica está arremessado em um canto da rua, ou na melhor das hipóteses, servindo de embrulho, pois assim ainda conserva alguma serventia. A crônica narra o tempo em movimento – efêmero, volátil, vidas em transformação.

No Brasil, a crônica vai tomando a roupagem que conhecemos hoje a partir do século XIX, com a formação de uma *imprensa* (Luca, 2014) nacional que fomenta escritores brasileiros, novas formas de produção e circulação. Nos folhetins, a crônica vai ter um espaço cativo nos rodapés, com “uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento; e já se pode dizer tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira” (Meyer, 1992, p. 96). Na construção de um estilo de crônica “à brasileira”, os novos escritores dirigem as suas observações e opiniões à uma sociedade que estava em plena transformação, o gênero se consagra como uma “seção fixa para registrar os usos e costumes do período” (Santos, 2007, p. 14). Consagrados escritores das letras brasileiras escreviam sobre o cotidiano imperial e da alvorada republicana, sendo eles Lima Barreto, Machado de Assis e José de Alencar, percebe-se que o gênero estava em excelentes mãos e penas.



Inserida nos folhetins, a crônica é uma narrativa de caráter urbano por excelência, pois amadurece juntamente com o desenvolvimento das cidades e dos meios de comunicação. Uma clara tentativa de compreensão e organização do caos social que os habitantes estão inseridos, em que tal tipo narrativo oferece um retrato da sociedade contemporânea. Dessa forma, a escrita reflete o tempo e o espaço, a escrita do gênero é uma clara manifestação da subjetividade do indivíduo social, o cronista, que está inserido no seu tempo e, a partir da narrativa, tenta traduzir a sua experiência em sociedade. Como escreve o historiador alemão Reinhart Koselleck, em seu livro *Futuro Passado*, “em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (Koselleck, 2006, p. 306).

Dessa forma, a crônica é saturada das significações do seu momento de escrita, e tomando como base duas categorias desenvolvidas por Reinhart Koselleck, espaços de experiência e horizontes de expectativas. Dessa forma, é possível ler esse tipo narrativo como vestígios significativos para o estudo histórico de um determinado período. Entre as fronteiras do jornalístico, da história e da literatura, um gênero híbrido por natureza, de difícil categorização e enquadramento, uma vez que a narrativa entrecruza a objetividade do discurso jornalístico, a reflexão temporal sobre o cotidiano e a criação ficcional literária. Como o jornalista Artur da Távola escreve em uma meta-crônica:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa de subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. (...) Para ser boa, não deve ser mastigada. Deve dissolver-se na boca do leitor, deixando um sabor de vivência comum. Deve parecer que já estava escrita há muito tempo na sensibilidade de quem a lê e foi apenas lembrada ou ativada pelo escritor/jornalista que lhe deu forma (2001).

As crônicas são vestígios de processos da vida cotidiana que se perderam na voragem dos dias, sendo o sintoma das transformações ocorridas em uma temporalidade. Pois, são as interpretações e as sensibilidades de um determinado sujeito, o cronista, localizado em uma teia social situada espacial e temporalmente, em busca de traduzir essas transformações. Devido à sua proximidade ao cotidiano, os sentidos que têm na narrativa são temas pertinentes para os estudos da História Cultural (Burke, 2005), em suas representações (Chartier, 1988) é possível apreender *sensibilidades, representações e costumes*.



O valor da crônica como fonte documental é tratada pela professora Sandra Jatahy Pesavento, importante nome no âmbito da História Cultural, em que o tipo narrativo pode ser compreendido como um “gênero de fronteira”, por ser “locus privilegiado para os olhares cruzados da literatura e da história, nos domínios da nova história cultural” (Pesavento, 1997, p. 29). A miudeza do cotidiano ganha uma dimensão importante, pois ao se situar próxima das formas de pensar e agir de pessoas comuns, a narrativa se oferece como “um exercício imaginário para a apreensão das sensibilidades passadas” (Pesavento, 1997, p. 31). É neste sentido que se entende a relevância da escrita de Carlos Drummond de Andrade para, através da crônica, compreender significativas transformações nos costumes da sociedade carioca durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956 - 1960).

A pedra e as crônicas do gauche

Com o avanço dos processos de urbanização e modernização nas principais cidades brasileiras durante a segunda metade do século XX, a percepção acelerada do tempo, o avanço das relações capitalistas no setor industrial e dos serviços proporcionaram modificações no comportamento social perceptíveis aos olhos e à pena dos cronistas de época (Fausto, 2002). Escritores dedicaram parte da sua obra à escrita de crônicas nos jornais brasileiros, a exemplo de Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, entre outros nomes. Colaboradores dos jornais, enquanto criavam as suas consideradas grandes obras, concomitantes, escreveram esses pequenos textos para as folhas efêmeras do jornal, em que por muito tempo foi considerado obra menor.

Contudo, como destaca o crítico literário Antonio Candido, a crônica está ao “rés-do-chão”, em que, por muito tempo, esteve em uma posição subalterna diante dos outros gêneros literários, “a crônica não é um gênero maior (...) é um gênero menor; graças a Deus - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós” (Candido, 1992, p. 13). Entretanto, ao subverter esse lugar de subalternidade e colocá-la em relevância, a crônica torna-se relevante na presente pesquisa histórica, como uma clara manifestação da subjetividade dos indivíduos em sociedade. A partir das suas breves narrativas, é possível salvar alguma coisa do tempo que nos foi escapado, resquícios e vestígios de outrora.



Carlos Drummond de Andrade foi um dos nomes que praticou a escrita diária das crônicas para os jornais. Homem do século XX, poeta, contista, jornalista e cronista. “De ferro, triste e orgulhoso” (Andrade, 2015, p. 63). Entre as pedras e as rosas dos seus poemas, em paralelo, ele exercia o ofício de “rabiscar sobre as coisas do tempo” (Andrade, 2012a, p. 8) que ele se debruçou perante boa parte da sua vida por meio das crônicas. Carlos Drummond de Andrade incorpora o cotidiano e os seus fatos corriqueiros no seu lírico para criar uma “espécie narrativa” (Rosa, 2015, p. 14), que atrai o leitor ao canto direito da página 6 do primeiro caderno de notícias³, como um respiro em meio à profusão exorbitante de notícias.

A face *drummondiana* como cronista lida diretamente com o cotidiano, utilizando-o como matéria-prima para a sua interpretação, acompanha-o com simpatia e cuidado através de manifestações concretas (Andrade, 1982). A sua literatura nos jornais retrata o cotidiano com um toque poético, utilizando-se das crônicas *drummondianas* que, em um primeiro momento, figuravam nas efêmeras páginas do jornal *Correio da Manhã*, passam para os livros ao serem selecionadas e organizadas em exemplos como “Fala, Amendoeira” (1957), “Cadeira de balanço” (1966) e “Caminhos de João Brandão” (1970). Esses tipos narrativos são passíveis de serem utilizados na pesquisa historiográfica, pois, ao enveredar pelo mecanismo da ficcionalização do cotidiano vislumbramos os movimentos e embates sociais temporalmente situados. Como escreve a historiadora Margarida de Souza Neves, a crônica é “coisa miúda”, “ao contrário do historiador, supostamente superior e desinteressado, ao cronista caberia interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e vivia” (2005, p. 12).

A leitura do *gauche* Carlos Drummond de Andrade como o intérprete de um país que, no período da década de 50, atravessava um período singular da sua história, em que projetos modernizadores⁴ entravam em atrito com as tradições de um país violento e

³ Carlos Drummond de Andrade foi colaborador dos jornais cariocas “A Manhã”, “Folha Carioca”, “Jornal do Brasil” e “Correio da Manhã”. Na presente pesquisa, utiliza-se as crônicas encontradas em sua seção cativa “Imagens”, no jornal *Correio da Manhã*, em que escreve continuamente entre os anos de 1954 a 1969. Localizada na página 6 do primeiro caderno, em meio às notícias do então Distrito Federal - a cidade do Rio de Janeiro - notícias econômicas e artigos de opinião política. Também trabalha-se com crônicas selecionadas de outro suporte, o livro, que passa por um movimento de escolha do cronista e do editor, saindo do caráter efêmero e com uma intenção de fazer a crônica durar. Os títulos aqui manuseados são: “Fala, Amendoeira” (1957), “Cadeira de balanço” (1966) e “Caminhos de João Brandão” (1970).

⁴ Referência aos projetos nacionais desenvolvimentistas de Getúlio Vargas, em seu segundo período como presidente, e de Juscelino Kubitschek. O conceito de desenvolvimentismo pode ser concentrado em torno de três pontos: um projeto nacional, forte intervencionismo estatal e uma industrialização espacialmente desigual (Ferreira; Delgado, 2019, p. 179).



desigual. Com isso, as crônicas drummondianas instituem os contrastes desse momento, em que a euforia contrastava com o aumento da desigualdade social, inflação e precarização da vida. Importante para a compreensão do momento histórico, especialmente aqueles de âmbito privado da micro-história, a qual é o cotidiano considerado “banal”, mas no qual todos os sujeitos históricos estão inseridos.

O cronista Carlos Drummond de Andrade é um exímio observador do Brasil da década de 50, a representação em sua crônica sobre os brasileiros, o tempo e sua crônica enquanto na imprensa enquanto *prática letrada* (Cardoso, 2016) capturam e compreendem as transformações em curso e, ao mesmo tempo, deixa aparente as tensões que permeiam a vida comum compartilhada naquele final de década de 1950. Para a ciência histórica, o sensível partilhado nas crônicas reconstitui mundos a partir dos vestígios, além disso, os sujeitos que até então eram anônimos, tornam-se agentes históricos, na qual qualquer indivíduo tem a tarefa de “fazer” a história (Rancière, 2005, p. 59).

As coisas do tempo pela crônica drummondiana

Ao analisar o Brasil do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960) que desponta com o seu plano de modernização ambíguo e repleto de contradições, em como, especialmente, essas transformações afetam o cotidiano dos homens, alterando os costumes, as sensibilidades e comportamentos. Vale ressaltar que a obra de Drummond, sobretudo a parte cronística, é marcada pela tensão entre o tradicional e o moderno, manifestação característica da década de 50. Considerado além de um escritor modernista, Drummond é moderno por natureza porque percebe que não tem como desprender-se de seu tempo e suas contradições. Como escreve Ângela Vaz Leão, em 1968, na introdução do livro de crônicas “Cadeira de Balanço”:

Foi o que quis o autor: fazer obra moderna, sem renunciar ao tradicional; sentir e escrever como um homem de hoje, mas guardar fielmente aquilo que a sensibilidade de um povo foi acumulando pelos séculos. Drummond é moderno não por esnobismo ou facilidade de aderir, mas pela convicção de que o homem não pode escapar à sua época: ‘Estou preso à vida e olho meus companheiros’. E é tradicional, não por saudosismo ou incapacidade de renovar-se, mas por uma segunda convicção: o tempo é um fluir contínuo, em que o hoje não se separa do ontem; o que há é uma duração - em termos bergsonianos, la durée réelle - que nós mutilamos, dividindo-a em momentos (1982, p. xxii).



Percebe-se que o autor tem uma consciência das temporalidades em conflito proveniente da modernização, no qual existe uma tensão entre a ruptura do passado com o presente. *Cronicando*⁵ as transformações e a euforia proveniente dessas com um teor ora entre o cômico ora entre irônico, mas sempre crítico. Com essas reflexões iniciais, pode-se pensar nas coisas do tempo na crônica drummondiana que, analisando-a a partir dos métodos historiográficos, torna-se fontes distintas para a análise dos processos históricos brasileiros. Partindo dos textos rápidos e poéticos para os jornais, o gaúcho deixa evidências da materialidade do cotidiano do Rio de Janeiro na segunda metade da década de 50.

Com o sentimento de si - e o sentimento do mundo, manifesta-se o Rio de Janeiro sob o governo de Juscelino Kubitschek: o Plano de Metas, “50 anos em 5”, nacional-desenvolvimentismo, industrialização, urbanização, desbravamento do país por meio das rodovias, manifestações políticas, reformas de base, “Bossa nova”, Cinema Novo, Copa do Mundo de 1958, construção de Brasília - cidade símbolo modernista que integra o interior do país. Inflação, falta de água constante, desigualdade social, violência urbana. Este era o léxico brasileiro, o cotidiano dos cariocas que, de múltiplas formas, habitaram e viveram suas experiências nos contraditórios “anos dourados do Rio de Janeiro” (Santos, 2007, p. 87).

O projeto de modernização do país implementado por Juscelino Kubitschek é herdeiro do legado nacional-desenvolvimentista de Getúlio Vargas, que defende a intervenção estatal em atividades consideradas de interesse nacional e prioridade à indústria nacional. Contudo, o período é marcado pelos conflitos entre nacionalistas e oposicionistas, que dividiram a sociedade durante o período e, até mesmo, chegaram a dificultar a posse de JK. O seu projeto nacionalista tem um teor mais ambíguo, pois atrela-se ao capital estrangeiro e contando com uma capacidade de persuasão comunicativa, consegue equilibrar dois projetos diferentes, como também as pressões que ocorreram durante o seu governo, como escreve Schwarcz e Starling:

o presidente sabia construir a ocasião e tirar proveito dela, mas governo também tinha uma alavanca estratégica imbatível - o Plano de Metas (...) conseguiu articular

⁵ Neologismo do radical grego *cronos* que tem, atualmente, a definição de tempo cronológico e físico. Carlos Drummond de Andrade cunha esse termo logo na introdução de “Caminhos de João Brandão” (1970), “meu amigo João Brandão vive sua vida entre a rotina palpável e a aventura imaginária, e eu vou cronicando seu viver” (Andrade, 2016a, p. 14), uma combinação do substantivo “crônica” e o gerúndio, para tratar da singularidade da sua escrita, entre o lírico e a conversa fiada que trata do “o ser comum e sua pinta de loucura mansa” (Andrade, 2016a, p. 14).



(...) uma bem-sucedida aliança entre grupos sociais de interesses muito diversos que aceitaram se unir em torno de um grande projeto de planejamento econômico capaz de resumir as principais linhas de sua administração (2015, p. 415).

“Nascer”, crônica drummondiana de 1958, parte do evento primordial da vida humana, o nascimento. Aída Isabel, a nova cidadã que nasce nesse Brasil diferente de outrora, a partir da sua vinda ao mundo, o autor realiza uma metáfora sobre as transformações desenfreadas em curso, “você será moça num Brasil tão diferente deste meu (já assisti a dois ou três brasis, em quarenta anos) que nem sei o que poderia servir-lhe de instrução para trabalhos e sonhos” (Andrade, 2016b, p. 15). As mudanças provenientes do nacional-desenvolvimentismo, “nesta fase inquieta da nacionalidade em busca de novos rumos políticos e sociais” (Andrade, 2016b, p. 15), desloca dos sujeitos históricos as suas expectativas das experiências, assim, as suas referências de existência vão se extinguindo cada vez mais rápido e sendo substituídas por outras novíssimas, que tem uma duração cada vez menor, em que “tudo está sempre por acontecer de novo e pela primeira vez” (Andrade, 2016b, p. 15).

Pela euforia oriunda da circulação do capital, observa-se o surgimento da especulação imobiliária, no qual as empresas de construção operam de maneira selvagem em cima de antigos imóveis, que passam a demolidos e tornam-se prédios modernos, como escreve nas crônicas “A causa”, “(...) o Massepain não é mais do que um dos edifícios cariocas cujo desmoronamento se espera para breve, e isso não faz muita diferença” (Andrade, 2012b, p. 24), e em “Cor-de-rosa”, “de uns anos para cá as ruas passaram a ser percorridas por elementos suspeitos, que, avaliando em metros quadrados aéreos os terrenos onde se erguem as habitações humanas, logo procuram seus proprietários e lhes propõem botar aquilo no chão” (Andrade, 2012a, p. 36).

Várias são as crônicas drummondianas que abordam essa temática, demonstrando as mudanças bruscas penetrando naquilo que é mais privado, a casa do sujeito. Local onde ele vive, observa a passagem do tempo, constrói a sua história, desenvolve afetos e laços, inclusive com a própria construção. A construção sóbria, que representa certeza e segurança, memórias familiares e o conforto secular da tradição, dissolve-se:

Comprei esta casa; vendi-a. No intervalo, passaram-se 21 anos. Aconteceram diferentes coisas nesse intervalo. O ditador caiu, subiu de novo, matou-se. A bomba



atômica explodiu, inventou-se outra bomba ainda mais terrível. Veio a paz, ou uma angústia com esse nome. (...) Mas a casa não mudou (Andrade, 1982, p. 39).

Tendo destruído essa parte do ser, as pessoas transportam os remanescentes para os ossuários erguidos apressadamente no mesmo local, e que se arrumam pelo princípio de superposição de urnas. Aí aguardarão, talvez até a consumação dos séculos, o dia da ressurreição das casas (Andrade, 2012a, p. 36-37).

Como escreve nas crônicas “Vende a casa”, o próprio cronista sofre o assédio imobiliário, em que, em determinado ponto vende a sua a casa, na qual morou por 21 anos, sentindo que não resistiu o suficiente às apelativas agressivas, “ela (a casa) deve estar-se rindo de mim, que me cansei depressa (...) tudo resistiu mais do que o morador” (Andrade, 1982, p. 39). Dessa forma, pode-se observar os sentimentos ambíguos em torno das demolições de antigas casas, ora entusiasmo devido aos ares modernos ora uma tristeza ao ver as destruições de um passado em pedra e cal.

Em paralelo ao surto imobiliário, observa-se o processo do aumento das áreas periferias nos morros nas margens da cidade, como escreve em “Capítulos do gênese”, de 1959, “povoações altaneiras, desligadas do corpo social, e a que se dava o nome de favelas” (Andrade, 2012b, p. 35). Assim, observa-se o desenvolvimento das periferias cariocas e de seus modos de vida particulares, por exemplo, o samba que estava apontando no período. Constata-se que, ocorre a marginalização desses espaços e dos seus habitantes, que era majoritariamente negros, assim, a sociedade carioca da década de 50 é marcada pelas desigualdades sociais e suas respectivas tensões.

Soma-se a isso, as constantes enchentes que assolaram a cidade, que destoava totalmente de um Rio de Janeiro modernizado e acentua as discrepâncias sociais e espaciais desse período. Pois, as chuvas atingem principalmente os morros cariocas, desabrigando um grande número de pessoas, que não recebem nenhuma assistência governamental. Ao contrário disso, o poder público da época chegou a culpar os próprios moradores e suas miseráveis habitações pela enchente, por “travar o escoamento das águas” e promoviam a destruição dessas. Em “Capítulo do gênese”, o autor escreve a crônica em torno da demolição da Favela da Catacumba orquestrada pelas autoridades - os ditos sábios intelectuais que se omitem e deixam uma parcela da população à míngua - após uma enchente em 1959:



(...) Nisso vieram os sábios da cidade e puseram-se a fazer a exegese da catástrofe; e concluíram que todo mal provinha de certas povoações altaneiras, desligadas do corpo social, e a que se dava o nome de favelas. (...) E mereciam ser destruídas; pelo que se escolheu a Favela da Catacumba, de nome exemplar (...) e milicianos, na calada da noite, subiram até lá e arrasaram-na, ateando fogo aos escombros; e os sábios se persuadiram de que haviam acabado com a causa primeira da enchente (Andrade, 2012b, p. 32-33).

Não obstante, até mesmo o logradouro público e que poderia se considerar o acesso democrático, a rua, não é convidativa para aqueles em que precisam morar em situação de rua. Ao passo que verifica-se o aumento da população em situação de rua, é perceptível o completo desprezo das instituições públicas para com essas pessoas, em “Debaixo da ponte”, morre duas pessoas que “moravam debaixo da ponte, oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam” (Andrade, 2012b, p. 97). Carlos Drummond de Andrade com o seu lirismo, consegue projetar uma realidade repleta de obstáculos a partir de eufemismos, ora para suavizar-los ora para escancará-los.

É um Rio de Janeiro cruel que não poupa ninguém, a década de 50 é marcada pela falta de água igualitária que atinge a todos. A água torna-se um privilégio e chega a ser considerada até mesmo como um presente de aniversário para o cronista, mas a sua insatisfação ganha a forma máxima na crônica “Diário”. Como o próprio título sugere, ele a escreve em formato de diário, registra os anos passados e, especialmente, marcando as datas e os momentos da falta de água, das ações apreendida por ele e seus vizinhos para remediar e o desserviço público diante disso.

(dedicado ao atual e aos futuros prefeitos do Distrito Federal)

1954, quinta feira santa - um advogado assassinou um public relations, no edifício ao lado. um acusava o outro de subornar o porteiro para obter mais água.
1955, outubro, 8 - Votei em Ademar, que prometeu água em minha rua. Juscelino mora no Posto 5, e não se apiedará de nós. E agora?

1956, julho, 7 - Conselho de um engenheiro da prefeitura amigo de infância: ‘A solução, meu velho, é furar um poço no quintal. Não serve para beber, mas dá para a limpeza. Abri (trinta mil cruzeiros): tenho água no subsolo! A vizinhança já fizera o mesmo. Quantos meses durará meu lençol subterrâneo? (Andrade, 2012a, p. 64-65).

Outro problema que aterrorizou o cotidiano do cronista e da cidade foi a inflação no governo de JK. O Plano de Metas alcançou um nível avançado de industrialização, porém, não existiam condições reais para isso, Kubitscheck investe na aceleração do crescimento sem avaliar o financiamento do processo. Com isso, facilita a entrada de capitais externos



no país por meio de concessões de privilégios fiscais e econômicos e depende cada vez mais de financiamentos internacionais para acelerar o crescimento industrial (Schwarcz; Starling, 2015). Contudo, o atalho de JK acarretou no aumento da dívida externa, resultando na decisão de crescer com a inflação.

Entre um programa de contenção econômica que restringe o Plano de Metas ou o financiamento inflacionário, o presidente e sua equipe econômica decidiram pelo Plano de Metas, argumentando que “alguma dose de inflação era inevitável e esperou alcançar a estabilização gradualmente, adiou, assim, para o governo seguinte a execução de contenção econômica” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 423). Diante desse cenário de incertezas, Drummond consegue colocar em palavras o pânico coletivo diante do descontrole dos preços, como relatado na crônica “Ascensão”, de 1959, escrita em meio a onda inflacionária que aterroriza o país. Assim, delega ao historiador a sensação de opressão diante da inflação descontrolada que não acompanha o ganho real, ocasionando no baixo do poder de compra, escancarando o empobrecimento da população:

Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço. (...) Acordando à primeira tinta da aurora notei com assombro que os preços haviam subido oitenta centímetros, e para verificá-los tinha eu de subir à cadeira de estimação deixada por minha avó (...) mas para além dos planetas e para fora das regiões onde a energia dormita e o mundo é começo de organização, para lá do vivo e do possível, os preços subiam e, subindo, subiam mais. O ruído da ascensão semblava um riso escarninho - se bem que úmido, talvez sabendo a lágrima (Andrade, 2012b, p. 20-21).

É interessante notar como as movimentações sociais, culturais e econômicas desse período são atravessadas por tons de ambiguidades. Os retratos urbanos do Rio de Janeiro são marcados por uma onda de euforia desenvolvimentista por um lado e a miséria do outro, contrários inerentes, no qual um não existe sem o outro. Pois, se as já citadas problemáticas eram várias, ao mesmo tempo é notável a euforia pela mudança estrutural proveniente do Plano de Meta de JK, que aprofunda o processo de industrialização e privilegia o setor de bens de consumo duráveis. A entrada maciça de produtos que, até então, era de difícil acesso, e que passa a consumir-se em massa, “altera os hábitos e o cotidiano da população, que, fica deslumbrada e espantada, passando a conviver com um sem número de novidades” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 415-416), como, por exemplo, uma



infinidade de eletrodomésticos, produtos para a casa, comidas industrializadas, peças de vestuário, etc.

A modernização de um país agro-exportador, aceleração da economia e a suposta integração nacional. Acarretam no processo de entrada maciça de produtos que, até então, eram de difícil acesso, e que passaram a consumir em massa. Como argumenta o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard, no seu estudo homônimo, é o momento de implementação de uma sociedade de consumo. Essa torna-se a lógica social, é a maneira de como a sociedade se compreende, “pensa-se, fala-se como sociedade de consumo, pelo menos, na medida em que consome, consome-se enquanto sociedade de consumo em ideia” (Baudrillard, 1995, p. 208).

Como um homem inserido em seu tempo, Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre o consumo exacerbado com pitadas de bom humor. Como em “Carta a uma senhora”, que, utilizando do olhar de uma criança, retrata o deslumbramento e o espanto da população diante da entrada maciça de bens de consumo. Alterando todo um sistema tradicional de costumes, por exemplo, para o grupo social das “mulheres donas de casas”⁶, bombardeadas pelas propagandas de novos eletrodomésticos que modificam os afazeres diários, a relação com a sua moradia, e até mesmo com o próprio corpo feminino. Como se apresenta no seguinte excerto:

Mammy, hoje é Dia das Mães e eu desejo-lhe milhões de felicidades e tudo mais que a Sra. sabe. (...) Falei de cozinha, estive quase te escolhendo o grill automático de 6 utilidades porta de vidro refratário e completo controle visual, só não comprei-o porque diz que esses negócios eletrodomésticos dão prazer uma semana, chateação o resto do mês, depois encosta-se eles no armário da copa (...) tinha um liquidificador de 3 velocidades, sempre quis que a Sra. não tomasse trabalho de espremer laranja, a máquina de tricô faz 500 pontos, a Sra. sozinha faz muito mais (Andrade, 1982, p. 143-145).

A temática surge novamente na provocativa “O que você deve fazer”, escrevendo a crônica inteira utilizando-se apenas de propagandas publicitárias imaginárias com um viés crítico. A reunião dessas peças cria a imagem do exagero dessas no cotidiano, além do seu grande alcance no meio social. Assim, eis:

⁶ Necessário salientar que a própria ideia de “dona de casa” é um trabalho não remunerado exercido historicamente pelas mulheres, uma construção proveniente do capitalismo para domesticar e normatizar os corpos femininos em um modelo-exemplar que beneficie o próprio sistema econômico-social-cultural. (Federici, 2017).



O que você deve fazer (se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio, obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.) (...) Livre-se do complexo de magreza usando Kox Koax hoje mesmo. (...) Faça o curso rápido de rádio, tevê, transitor, eletrônica e derivados. (...) Use manteiga Margaret em seus bolos e assados. (...) Ouça seus discos prediletos com o novo diabofone portátil. (...) Economize tempo e sabão comprando máquina de lavar roupa. (...) No lar e no escritório, goze a brisa de praia de nosso ventilador oscilante de coluna telescópica e cor de neve suíça. (...) Desfrute o máximo a alegria de viver, usando o Laxativo Nuclear. (...) (Andrade, 2012b, p. 69-71).

Observe que a seleção das crônicas drummondianas tem como objetivo pontuar algumas, das numerosas, alterações do cotidiano carioca derivado dos novos produtos, que adentravam (ou até mesmo destruíram) as casas, as sociabilidades, os corpos e as sensibilidades. Como também, foram escolhidas aquelas que refletem sobre tais processos e como esses alteram experiências e expectativas dos homens em seu tempo. Carlos Drummond de Andrade constata em frente à sua casa demolida que o tempo tem esse movimento incessante de destruição e transformação, essa é a essência da vida, como da História; “uma ordem, um estatuto pairava sobre os destroços, e tudo era como devia ser, sem ilusão de permanência” (Andrade, 1982, p. 42).

Não tem maneiras de escapar da inevitável finitude, é algo intrínseco ao movimento do tempo, essa abstração que corrói os homens. Sem movimento não teria como escrever a História ou a crônica, pois, são a partir das distinções entre o passado e o presente, que alimenta as inquietações humanas e suas reflexões. Para finalizar, Drummond de Andrade conseguiu tirar a poesia do *chronos* arrebatador e aceitou com serenidade o fim das coisas, o melhor é observar, como um bom cronista, e viver preso à vida.

Considerações finais

Nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade, mesmo marcada pela leveza que o gênero pede, é possível observar uma perturbação pairando nos seus escritos. Delimitado pelo ofício de cronista, o autor vai rabiscando sobre as coisas do tempo em um momento de profundas transformações, que observa-se cada vez mais um distanciamento entre o passado e presente, entre a experiência e a expectativa. As suas crônicas aparecem como



uma interpretação desse Brasil que se descortina pela oposição oriunda das transformações da década de 50.

O recorte da pesquisa foca no governo JK, que diferente da imagem de “os anos de ouro”, caracterizado pela industrialização, da construção de Brasília e de um desenvolvimento econômico, observa-se que tal crescimento é marcado profundamente pelas contradições e desigualdades sociais. JK ao tentar implantar o projeto nacional-desenvolvimentista ambicioso como esse não busca alterar as bases de desigualdade social e política.

A partir disso, realizo um breve panorama desse período notável pelas transformações, analisando como estas alcançam os cariocas, seus costumes e sensibilidades diante da cidade e do moderno. O Rio de Janeiro deste período manifesta diversas contradições que o autor não hesita de colocar nas páginas de suas crônicas, é a cidade marcada pela falta de água generalizada, das enchentes, da favelização, da política autoritária de remoção, das demolições, dos arranha-céus, da inflação e da miséria.

Ao utilizar das crônicas como recurso que, em um primeiro momento, são feitas para uma breve leitura no jornal, para uma lufada de ar fresco diante das notícias, essas são perpassadas pelo incômodo do cronista diante desse cenário, como escreve Ivan Marques no posfácio de “Fala, Amendoeira”, “gênero moderno por excelência - uma planta da cidade -, a crônica não celebra a modernização, o cronista se mistura com a cidade, mas não deixa de criticá-la” (Andrade, 2012a, p. 182).

Ler Carlos Drummond de Andrade como um intérprete do Brasil é tratá-lo além de uma mera reprodução das experiências do passado, mas também como um inventor desse, constituindo o *tempo drummondiano*, que está neste entremeio entre a tradição e o moderno. É nessa provocação que miro, investigando o *tempo drummondiano* a partir do crivo historiográfico. Visto que o cronista tem a imaginação literária a seu favor, enquanto os historiadores têm que dosá-la com o rigor científico da disciplina com a pretensão de verdade. É possível apreender a sua angústia diante do mundo caduco, oscilando entre o futuro que se desenha, mas que incontestavelmente o tempo presente é a sua matéria, “os homens presentes, a vida presente” (Andrade, 2015, p. 75). Nas fronteiras da ficção e da história, a crônica drummondiana constitui uma historicidade, “é a tensão entre experiência



e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico" (Koselleck, 2006, p. 313).

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **70 historinhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A bolsa & a vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cadeira de balanço**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Caminhos de João Brandão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Fala, amendoeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Mãos dadas. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 34.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995. (Coleção Ciência & Sociedade, n. 3).
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas (SP): Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador: "luzes", seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904)**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2016.
- CERTEAU, Michel de. A história, ciência e ficção. In: CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre a ciência e ficção**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 45-89. (Coleção História & Historiografia, v. 3).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2002.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964: terceira república (1945-1964)**. 8 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (Coleção O Brasil Republicano, v. 3).



KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.**

Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEÃO, Ângela Vaz. Introdução. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cadeira de balanço.** 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. xii-xxx.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos; GRESPAN, Jorge; NAPOLITANO, Marcos; Maria de Lourdes Monaco Janotti; FUNARI, Pedro Paulo; LUCA, Tania Regina de; BORGES, Vavy Pacheco; ALBERTI, Verena.

Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111-153.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, A. *et al.* **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-134.

NEVES, Margarida de Souza. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas:** capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. p. 11-23.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 5, n. 7, jul. 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (orgs.). **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível:** estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2005.

ROSA, Leiza Maria. **A prosa do poeta gauche:** literatura e jornalismo na crônica de Carlos Drummond de Andrade. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). **As cem melhores crônicas brasileiras.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SCHOLES, Robert; KELLOG, Robert. **A natureza da narrativa.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura.

Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/8vV4KftbQvYdYgqFw6dGf3N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2022.

TÁVOLA, Artur da. Literatura de jornal (o que é a crônica). **O Dia**, Rio de Janeiro, 27 jul. 2001.

Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ntc_1.php?t=044. Acesso em: 19 jun 2024.

